



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

30 de Janeiro de 2010 • Ano LXVI • N.º 1719
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Desafios à Solidariedade

Padre João

O Haiti saltou para as «bocas do mundo», pelos piores motivos. Um terramoto de proporções catastróficas, com a magnitude de 7.0 na escala de Richter, atingiu a capital deste país da América, semeando o terror, a morte e o sofrimento que sucessivas imagens televisivas nos fazem chegar a toda a hora.

Debaixo dos escombros jazem muitos elementos das Forças de Paz da Missão das Nações Unidas, o Arcebispo de Port-au-Prince — a Catedral e o Palácio Governamental ficaram parcialmente destruídos; uma multidão anónima de crianças, homens e mulheres; gente, há muitos anos, vítima de inúmeros desgovernos dos homens é, agora, vítima da indomável e misteriosa força da Natureza.

Acontecimentos destes, certamente, não-de repetir-se. No meio de tudo isto muitas reflexões se fazem e as respostas a tais acontecimentos não são, obviamente, conclusivas. Mas após estes acontecimentos e perante tanto sofrimento, nada pode continuar igual. A face política e social do Haiti terá que ser, certamente, outra. A própria ONU nunca enfrentou na sua história, desde a sua criação em 1945, uma tragédia de tamanhas proporções. Tal acontecimento está a inquietar positivamente a Comunidade Internacional. O envolvimento dos dois últimos Presidentes dos Estados Unidos, e de Obama, o actual, pareceu-nos ser uma situação de compromisso e um gesto de boa-vontade com a reconstrução daquele país, o mais pobre da América.

Os momentos de grande sofrimento, na História da Humanidade, foram, também, grandes momentos de emergência do melhor que se esconde no coração dos Povos e de cada Homem: a Solidariedade. As campanhas aí estão a responder ao inexplicável e ao absurdo. Situações deste género espicaçam a vontade de sair de nós próprios. Fazem-nos compreender que somos todos vulneráveis e que para além das diferenças raciais, das opções políticas, das diferentes cosmovisões ou concepções antropológicas, há um fio que nos une a todos: A nossa imensa finitude e a nossa inevitável interdependência: «Ninguém é uma ilha».

Os momentos de grande sofrimento colectivo sempre foram providenciais ocasiões de reencontro pessoal dos Povos e das religiões, permitindo leituras surpreendentes da realidade humana e da Fé.

De facto, é nestes momentos que Deus se revela muito mais próximo, não tanto como causa explicativa, mas como Ser implicado no destino da História e do Homem. Diante do sofrimento humano «é muito mais aquilo que nos une do que o que nos divide». Seja este um desses momentos privilegiados para as crianças e famílias do Haiti, tão «encomendadas» à Solidariedade Internacional. E como rezou Raoul Follereau diante do sofrimento alheio o podemos nós fazer também:

«Senhor faz-nos sofrer com o sofrimento dos outros. Há milhões de seres humanos, que também são teus filhos e nossos irmãos, que morrem de fome, sem terem merecido morrer de fome, que morrem de frio, se terem merecido morrer de frio. Não permitais jamais, Senhor, que vivamos felizes sozinhos. Faz-nos sentir a angústia da miséria universal, e liberta-nos de nós mesmos.» □

Campanha de Assinaturas

A meteorologia da Campanha tem acompanhado a do tempo, abundante em chuva, que incomoda no momento, mas nos garante terra fertilizada e energia farta das albufeiras que se vão enchendo até às cotas máximas. São os dois tempos de que a Sabedoria bíblica nos previne, desde há séculos e para sempre: «Quem semeia em lágrimas, colhe em exultação.»

O GAIATO está inserido nesta ordem da Natureza: Também ele é semente de inquietação que ajuda os homens a pensar em seus excessos e em suas omissões e determina cada um a tornar-se pai e mãe de uma vida nova na Sociedade que todos constituem onde se quer que reine a Justiça e consequentemente a Paz mais o gosto de alegria que lhe é próprio. O homem tem o dever de aprender a ser feliz; e a aprendizagem consiste em assumir-se cada qual obreiro da felicidade para todos. Aí encontrará o seu quinhão.

Por isso O GAIATO é para ser lido. Pequeno como é; visita quinzenal em cada lar — quantos fazem dele o seu livro de cabeceira, até entre os que o lêem todo mal o carteiro o entrega e depois o re-mastigam ao longo da quinzena.

O fiozinho de água vai crescendo neste tempo propício aos grandes caudais. Todavia, não são estes que queremos e procuramos. A persistência, a fidelidade são maior valia.

No derradeiro jornal de cada mês costuma vir a notícia da tiragem nesse período. Fazem favor de ir controlando o seu crescer. Que tal sirva de estímulo e seja motivo de consolação.

Os Rapazes da Administração

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio



O que hoje vou revelar é a concretização do que me passa pela pena, pela alma e também pela oração.

Quando invoco o Espírito de Deus e vejo tantos cristãos envolvidos em ninharias e narcisismos, incapazes de feitos exigentes, a favor dos caídos na desgraça, de mãos atadas, tempo perdido e sem horizontes, apetece-me gritar, até ao fim do mundo que, **nós cristãos, somos os homens mais poderosos**, susceptíveis das mais arrojadas empresas, em favor dos irmãos.

Procuramos o bem. Fazer o bem. Sabendo, de antemão, que o bem, traz sempre consigo a recompensa. E quanto mais difícil e mais ingrato for fazê-lo; maior

recompensa ele traz e mais fulgor expande na Igreja e na sociedade.

Tanto precisamos de bons exemplos! Tanto!

Diziam os latinos, num provérbio sempre actual, que as palavras **voam**, mas os exemplos **arrastam**.

Um casal cristão, encontrou na sua freguesia outro casal idoso e incapaz, a viver em condições indignas.

Veio falar comigo e animou-se.

Não precisou de dinheiro apesar de lho oferecer. «A gente vai-se mexer». E mexeram. O primeiro passo foi levarem para a sua própria casa, durante quinze dias, os referidos pobres, e aturá-los.

Este gesto deu-lhes logo autoridade para se «mexerem».

«Todos fomos contribuindo para levar a bom porto esta obra, com excepção da família, da própria família. Os cinco filhos, já casados e pais, conseguiram ignorar o estado em que habitam os seus próprios pais; duas pessoas doentes, uma dependente e outra a lutar contra um cancro no esófago!

A casa já tem telhado novo, como nunca teve há mais de quarenta anos. Inerente às obras do telhado, colocamos um novo forro em toda a casa e melhorámos o sistema eléctrico.

Vou enviar-lhe as contas para poder consultar e verificar os valores movimentados:

Fábrica da Igreja: 1000 euros.

Junta de Freguesia: 800 euros.

Câmara Municipal: 2500 euros.

Grupo de Cantares da Freguesia: 1382, 39 euros.

Família: 350 euros.

Móveis, caixas de parké, roupas de cama, utensílios de casa de banho, mão-de-obra e muitos contactos telefónicos de toda a comunidade.

Com alguma persistência, perseverança e muita fé, consegui envolver organismos públicos, a paróquia e a comunidade. Fui mantendo informada da evolução das obras toda a gente reunida na eucaristia dominical.

Passado tudo isto, sinto uma alegria no meu coração, pelo que fiz, apesar da ingratidão da própria família.

Continua na página 4

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

VAMOS com um mês após a quadra do Natal. Esta é uma época que desperta nas pessoas a vontade de dar. Brota do fundo do coração do ser humano este impulso e, por vezes, vai mais longe — já não é só dar, mas dar-se.

Muita gente não chega a tanto, porque não tem suficiente confiança nos outros, na sociedade, tem medo de ser traída: assim, fica-se pelo dar. O dar-se, exige confiança em Alguém que está para lá dos limites do ser criado: Deus.

É pois muito forte esta aspiração a dar na época do Natal. Vem de uma semente colocada no coração do homem, e tem tudo a ver com a realidade do próprio Natal: Deus que Se dá.

Por telefone, por e-mail, pessoalmente, todos queriam saber o

que nos haviam de dar no Natal. A nossa resposta era invariável: géneros alimentares, dos que se gastam todos os dias! Depois, iam chegando...

Com eles vinham pensamentos e o acto de os comprarem, vinha o esforço de os transportarem até nós. Só o amor podia levar os nossos Amigos a todo este movimento.

Muitos destes alimentos não terminaram o seu percurso em nossa Casa; passaram por nós como um testemunho que, de mão em mão, ia avançando até chegar à sua meta, desconhecida de quem com eles iniciara a corrida.

Enquanto alguns dividem para reinar ou reinam dividindo, nós preferimos dividir para servir. Foi isso que fizemos distribuindo muito do que nos deram, por famílias que vieram até nós ou

levando a casas de outras com mais dificuldade em se deslocarem.

E podes crer que nos souberam tão bem os alimentos partilhados pois, também nós, sentimos esta sede de dar... Aliás, maior alegria há em dar do que em receber e, também aqui, é preciso olhar mais alto e mais longe para entender...

Quem dá, procura o bem dos outros e transmite vida. Quem tira, e se o que tira é o pão da boca ou algo tão importante quanto ele, tira a esperança de vida e semeia a morte. Ai dos que são causa do escândalo da perversão porque terão parte nela.

É tão linda a mesa do Natal. Levemos-lhe sempre os nossos presentes, até ao dia em que, transformados, nos ofereçamos a nós mesmos. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

ESTARMOS ATENTOS — Chegou-nos notícia de uma pessoa que não é da terra, mas que terá vindo para cá e que estará a passar necessidade. A guarda dos filhos ter-lhe-á sido retirada pelas autoridades que intervêm nestas coisas. Como as indicações iniciais sobre o seu paradeiro não eram muito precisas, confundimos com outros casos que já tínhamos debaixo de olho, mas vamos investigar este para o que pudermos fazer da nossa parte.

De vez em quando vêm cá parar casos deste género. Não sendo pessoas conhecidas, nem sempre é possível darmos com as reais necessidades logo à primeira, mas, seja por que via for que esse conhecimento nos chegue, o importante é que haja nesta terra e, desejavelmente, em todas as outras, Conferências Vicentinas, ou outras organizações do género, que possam estar atentas às situações de pobreza que forem surgindo e que ajudem logo naquilo que puderem.

Felizmente que por cá e, pelo menos, no resto da diocese, as coisas vão no sentido de que as Conferências Vicentinas se reforcem. Depois do necessário amadurecimento para que tudo corra bem, está definitivamente iniciada a ponta final do processo de fusão dos dois Conselhos Centrais (o dito “masculino” e o dito “feminino”) que têm existido na diocese. Daqui resultará, também, a fusão de conferências dos dois ramos que existem nalgumas paróquias, com uma melhor coordenação e um maior vigor da acção vicentina.

No nosso caso, também se irá formalizar essa fusão. Dizemos “formalizar” porque, na prática, nesta terra, tem-se procurado sempre, de um lado e doutro, a melhor coordenação de esforços e a ajuda mútua entre Vicentinas e Vicentinos. De qualquer maneira, depois de formalmente juntos, certamente que poderemos fazer mais e melhor, com a ajuda dos nossos leitores.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

70 ANOS DA NOSSA CASA — Conforme foi anunciado, do programa das comemorações dos 70 anos da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, constou uma Exposição, na Biblioteca Municipal, entre 5 e de 12 de Janeiro, que foi visitada com muito interesse; e da qual se fez um álbum de fotografias para arquivo.

A 8 de Janeiro, no programa “Portugal em Directo”, da Antena 1, pelas 13.30h, foi para o ar uma entrevista sobre a nossa Casa do Gaiato, gravada nos estúdios da RTP/RDP, em Coimbra, com o nosso Padre Manuel e o Prof. Paulo Sousa.

Entretanto, a 10 de Janeiro, Domingo, foi celebrada uma Eucaristia, na nossa Capela, em que se lembraram todos aqueles e aquelas que se encontram ligados à nossa Casa, desde a sua fundação por Pai Américo.

Depois do almoço festivo, seguiu-se, pelas 15.00h, no cinema de Miranda do Corvo, um Colóquio comemorativo, com a participação do senhor Padre Manuel Gonçalves, que orientou a nossa Casa durante algum tempo, nos anos 40, e do nosso Padre Carlos, que sucedeu a Pai Américo e também deu o seu testemunho. Os nossos Padre João e Padre Manuel também participaram. Estiveram presentes entidades locais, alguns Padres e o senhor Cónego André, em representação do senhor Bispo da Diocese. No auditório, contavam-se muitas presenças amigas, bem como alguns antigos e os actuais Gaiatos, que entrevistaram, de cerca de um milhar deles recebidos na nossa Casa, desde 7 de Janeiro de 1940.

Após o Colóquio, na nossa sala de jantar, foi partilhada uma saborosa merenda, num alegre convívio.

A 31 de Janeiro, Domingo, pelas 15.00h, no nosso salão de festas, vai acontecer uma Festa – Encontro, em que o teatro e os *batatinhas* irão alegrar e encantar os Amigos que nos visitarem. O telhado do salão, devido às infiltrações, foi arranjado com chapas, que foi necessário comprar.

SAÚDE — Todos os Rapazes com idade até 12 anos foram vacinados contra a gripe A, no Centro de Saúde, segundo foi estabelecido; tendo alguns, prioritários, sido abrangidos na primeira fase da vacinação.

Continuaram as consultas habituais de Medicina Dentária, em Coimbra; e com um Psicólogo Clínico, amigo, nalguns casos.

AGRO-PECUÁRIA — A neve, finalmente, viu-se no cimo da serra da Lousã. Com a chuva, arrumou-se alguma lenha e escolheram-se batatas, nos celeiros; pois, muitas apodreceram... Arranjaram-se os jardins em frente à nossa Casa, no largo, na nossa Capela e nas Alminhas. Na pecuária, nasceram dois cordeirinhos, bonitos, o que nos deu alegria; e uma porca, prenhe, teve de levar injecções, pois os bacorinhos não irão sobreviver. □

PENSAMENTO

Pai Américo

O nosso pequenino Filipe sobe acima de uma pedra e pousa os lábios na bica de uma das nossas fontes. Bebeu e bebeu e bebeu. Acabado que foi, e ainda empoleirado na pedra, veio um passarinho formoso que se regalou de beber da mesma água, a olhar prò Filipe. É bom que se saiba que, dentro do mundo onde os homens não cabem, existe um pequenino mundo, onde bebem da mesma água e ao mesmo tempo, crianças e passarinhos! □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

VACARIA — Fizeram-se novos parques para o gado limousine, na nossa vacaria, e agora estão a colocar a cobertura. As nossas vacas têm dado à luz o que vai acrescentando alegria à nossa Aldeia. As novas vites que são uma graça.

MAU TEMPO — Devido a uma avaria causada pelo mau tempo temos estado sem comunicações. Neste momento esperamos que a entidade responsável pelo arranjo da linha telefónica repare a avaria o mais breve possível. O fax e a internet já funcionam.

Pelo incómodo pedimos aos nossos Amigos desculpa, certos que em breve já tudo estará a funcionar devidamente.

Tiago («Pitinha»)

DESPORTO — O desporto da Casa do Gaiato, é acompanhado, com um certo carinho, por todos os gaiatos espalhados por esse mundo fora, através do nosso jornal. Sempre que encontramos um dos nossos,

independentemente da geração a que pertence, não consegue esconder as saudades: — *Sabes..., através do nosso jornal, acompanho as novidades da Casa, incluindo o desporto. Ai!, no meu tempo... Agora, é diferente!* — Encolheu os ombros, e foi dizendo: — *Por vezes, teimamos em não dar ouvidos e, depois... depois é que são elas.* — É sempre assim! Para alguns, é só depois...

Para começar o ano de 2010, recebemos os Juniores do F. C. Vandoma, da A. F. Porto — segundos na classificação da série.

Um jogo pouco interessante, se tivermos em conta que faltou muita calma e ouve pouco discernimento das duas equipas. No entanto, só a nossa me diz respeito, e, não compreendo como é possível tanta falta de atitude. Não ouve nada de maior, é certo, mas não foi um jogo bonito. Eu atribuo, e de que maneira, à euforia do fim-de-ano. Todos os anos é assim! As uvas passas, por vezes, fazem-nos passar *as passas do Algarve!*...

Começamos por inaugurar o mar-

cador, mas mesmo a acabar a primeira parte, sofremos dois golos, que são para esquecer — total falta de concentração. Só com a entrada de três irrequietos: Ilídio, Abílio e Agostinho, com a ajuda dos restantes, foi possível dar a volta ao resultado.

Com golos de André «Espanhol» (1) que, normalmente, quando é substituído, revela o seu «simpático» feitio; Ilídio (1), um verdadeiro lutador — é assim desde pequeno; e, Agostinho (2), que hoje, talvez por engano, realizou um dos seus melhores jogos ao serviço da equipa que, no meu entender, deveria ser sempre a sua primeira escolha, fixou-se o resultado final, contra dois do adversário, já que o «Bonga», apesar de ter feito um excelente jogo, falhou, pelo menos, dois golos certos, só e apenas, com o guarda-redes à sua frente. É a vida... Só acontece a quem joga!... Pior do que falhar golos, foi a atitude do António Pedro. Muita falta de humildade e de bom senso. Se alguma razão tinha, perdeu-a!

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

Padre Acílio

MEIAS — A D. Luísa, leva a cabo, há muitos anos, a sua campanha de Natal: arranjar meias para calçar os pés dos gaiatos. Entre as amigas, as vizinhas, as costumadas e os armazéns, ela lá consegue, persistentemente, muitos e bons pares deste vestuário.

Este ano, foram quatro grandes sacos de meias novas, de todas as medidas e para as várias estações do ano. Falou-me de um armazém que lhe deu mais, mas não aponte o nome do dono. Assim, vale mais diante de Deus! Fica escondido.

A paixão da D. Luísa pela Casa do Gaiato, começou com o seu empenho em arranjar a roupa, no grupo de senhoras que ia ao lar, numa tarde, todas as semanas.

Quando digo arranjar, refiro-me a: passar a ferro, pregar botões, pontear, alargar, encurtar, etc.

A D. Tereza, que foi para o Céu, ainda não há dois meses, acolhia as senhoras, servia-lhes um chá no final

da tarde e despedia-as com a gratidão da mãe de família que se sente ajudada.

SECIL — A fábrica de cimento do Outão, sempre amparou esta Casa. Sempre. A nossa marca, ficou de tal maneira impressa no pessoal de todas as categorias, que ainda não morreu, a colecta ali feita, pelo Natal, entre todos os trabalhadores: 1000 euros.

Não foi em vão que, durante longos anos, ali fui de batina preta cheia de pó, carregar pedra com a nossa camioneta azul, perante o pasmo dos trabalhadores: «*Um padre a carregar pedra!*» *Fazia-lhes bem à alma, ver o padre ali no duro!*

Acabou lá a venda do jornal, como terminou nas outras fábricas: Sapec, Inapa e Portucel, onde todos os natais se mobilizavam os trabalhadores e as administrações, com as suas ofertas.

Da Sapec, ainda nos vem, anualmente, vinte toneladas de adubo e pesticidas, mas das outras empre-

sas citadas ou sucedâneas, apenas o silêncio.

RUBRICA — É muito simples a minha rubrica, mas que ninguém tente falsificá-la. Noto logo.

Aconteceu uma vez, nos primeiros quarenta e quatro anos que vivi nesta Casa. Outra, em Paço de Sousa, e agora, já dois meninos tentaram imitar a minha rubrica, enganando os professores, com justificações de faltas, de que não tive conhecimento.

A mentira deixa sempre o rabo de fora e, mais tarde, ou mais cedo, o rabo leva-nos ao bicho. É assim ou não, Fábio e Tiago?

Falsificar uma assinatura ou uma rubrica é crime. O Tiago já é maior! Entendes?

Vivemos em Família e não pomos em Tribunal estas faltas, que nos envergonham e muito nos fazem sofrer, mas elas não podem passar sem corretivo.

«Não voltam?» Espero que não. □

LAR DO PORTO

Adelaide e José Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «*A escola cristã é um meio excelente, não só para preservar do mal os adolescentes, mas sobretudo para os orientar e atrair ao bem, seja qual for a sua condição familiar ou social. A experiência demonstra que a influência do educador sobre os jovens pode transformar totalmente a sua vida. (...) Como os rebentos ainda tenros das plantas, os adolescentes facilmente se deixam orientar pelo educador; mas será muito difícil, e por vezes impossível, corrigi-los depois que se endureceram em perigosas deformações.*

(...) Os que assumem esta missão educadora devem ser dotados de uma grande caridade, de paciência a toda a prova e principalmente de uma profunda humildade. De facto, se invocam o Senhor com toda a humildade, além da alegria de se sentirem escolhidos como idóneos

cooperadores da verdade, receberão de Deus conforto e amparo no exercício desta nobilíssima tarefa e a recompensa celeste de que fala o Livro Sagrado (...): 'Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes'.

Do ofício de S. José de Calasanz

Vou dar notícia daqueles que o Senhor pôs nos nossos caminhos:

A mãe dos sete filhos, anda sempre aflita com o seu dia-a-dia, para poder equilibrar os seus filhos, e ainda seria muito pior se os nossos Amigos não nos ajudassem; então é que seria uma verdadeira miséria. Eu falo com ela e dou-lhe conhecimento de quanto os nossos Leitores fazem. Digo-lhe: «Reze por eles, para que o Senhor os abençoe com saúde e paz e alegria.» Os meninos andam bem; são crianças maravilhosas, com a graça de Deus.

Amãe dos quatro filhos e duas netas, continua a não ter juízo nenhum, mas

temos esperança em Deus de que ela há-de ter juízo. Ainda bem que os meninos não andam muito mal, mas poderiam andar melhor. Uma coisa boa é que ela se vai deixando encaminhar. As netas, gémeas, estão muito bonitas e grandes. Estão a precisar de roupinha, porque cresceram muito depressa.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — D. Helena, de Lisboa, manda 200+600 euros. D. Conceição, da Amadora, duzentos euros. Assinante 26210, vinte euros. D. Emília, dez euros e a encomenda de Natal. D. Alberta, do Porto, vinte euros. D. Graziela, cinquenta euros.

Muito obrigada a todos. Só convosco é que podemos continuar a ajudar aqueles que estão sempre à nossa espera. Um santo Ano para todos.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Tugúrios

HAVERÁ sítios abandonados por Deus? É preciso e faz bem calcorrear, sem medo, tais veredas, rentinhos ao chão, até para provar que Ele nunca abandona ninguém, ainda por cima aqueles que sobrevivem no desânimo.

O carinho e os mimos, partilhados com os nossos pequenos, são motivo de grande gratidão, pois presentearam filhos, agora nesta Família, que deixaram situações semelhantes.

Entretanto, outra oportunidade aconteceu para nos encontrarmos com aflições, pois os Pobres, de verdade, são verdadeiros Amigos, até para as nossas horas.

Com insistência, têm-nos chegado angústias recorrentes e que não dão sossego. Urgia escutar algumas delas. Ouvir os dilacerados com paixão é um serviço cada vez mais premente, numa sociedade de muitos ruídos e vazios.

Há zonas do nosso País, de grande concentração populacional, cujas habitações e qualidade de vida são infra-humanas. Porém, multiplicam-se os anúncios imobiliários... Os jovens que querem

constituir família são esmagados com empréstimos.

Entre a população que tem sido acolhida, em Portugal, a situação dos guineenses aflitos tem-nos tocado mais, neste tempo. Não podemos desligar-nos dos Pobres, cujos clamores nos chegam.

Os pedacitos de papel, anotados na ocasião, com breves traços dolorosos, foram preciosos para verificarmos as suas histórias de vida. Felizmente, encontramos alguns dos tugúrios, sinalizados, e que procurávamos, ansiosamente. O aparelho receptor móvel (GPS) também nos ajuda a conduzir até esses pobres abrigos, de difícil localização.

Em zona problemática de Lisboa, estivemos com uma jovem e seus dois filhinhos, tenrinhos: uma menina, de 3 anos, enferma, e um pequenino, de 4 meses. Sobrevive, amargamente, sem trabalho e à míngua de pão. Ocupam uma salita, precária, numa habitação com outros, num meio de gente desocupada. Naquela Cova, aquela mãe poderá criar os seus rebentos, em boas condições?

Já que andávamos por esses caminhos, não estávamos longe de uma Mina, onde descobrimos uma barraca, apertada e fria, que é

o alojamento paupérrimo de outra menina, de 6 anos, cujo pai não tem proventos. Foi outro sinal de involução social, quando se fazem leis tão modernas...

As tocas nunca foram nem são lugar para os pequeninos do mundo. Não é que foi mesmo numa delas que o Menino gemeu e geme, hoje! Ouvi-IO nestes santuários, desabrigados e gelados, é um mergulho de conversão.

Não se trata só de uma opção preferencial pelos mais Pobres, os débeis, pois o caminho da Igreja é de toda a pessoa humana; nem de erradicar a pobreza, embora haja utopias também realizáveis, aqui e agora, se um ser humano que sangra, é amado e promovido na sua dignidade.

A via sacra das barracas, que percorremos, algumas delas demolidas, contrastava noutras encostas com abundantes construções em altura, também sem espaços verdes e que diariamente debitam enormes filas de trânsito.

A umas Irmãs, comprometidas com os Pobres, atrevemo-nos a pedir a sua intercessão, para que aqueles emigrantes não fiquem prostrados na terra lamacenta. Estes Amigos não ficarão abandonados, se também não largares a tua mão daquelas e doutras choupanas, onde vive o Pobre de Nazaré, que nos dá a Vida! □

MALANJE

Padre Rafael

Ano Novo

UM dos rapazes diz-me que está um homem a perguntar por mim. Aparenta 35 anos. Carrega uma mochila e em seus braços traz um menino de 3 anos. A criança não respondia a nenhum estímulo e deitava espuma pela boca. O homem começa a contar-me um pouco da sua história.

«Chamo-me Román e sou de Benguela, mas agora vivo em Luanda. Em 25 de Dezembro, o Adilson, meu filho, começou a ter convulsões a cada duas horas e levámo-lo ao hospital. Quando lhe colocaram um sistema de gotas, começou a inflamar-se-lhe o braço e disse-o ao médico que o levou. Ele disse-me que isso apenas se curava com medicina tradicional (curandeiros). Depois de percorrer três curandeiros sem resultado, um familiar disse-me que, em Malanje, havia um pastor numa igreja que curava este tipo de enfermidades. Quando cheguei aquele senhor deu-me a beber umas ervas com açúcar, impôs-me as mãos e colo-

cou-o numa banheira. Por fim, o menino acalmou-se um pouco e ele cobrou-me 300 euros. Quando regresssei no dia seguinte, disse-me que tinha sido preso pela polícia. E aqui estou, pois disse-me que na Casa do Gaiato me podiam ajudar.»

Fui falar com a Irmã Célia, para ver o que poderíamos fazer. Aparentemente tem chamado a atenção para a Casa do Gaiato, o recebermos crianças com enfermidades psiquiátricas. Entretanto, enviámo-lo ao hospital, onde não há psiquiatria, claro.

Depois de conversarmos com Román, convencemo-lo a tentar o hospital uma vez mais. Ao chegar, foi recebido por um coreano muito simpático que não queria falar muito, pois não nos entendíamos muito bem. Rapidamente mandou fazer análises de hemoglobina e paludismo. E como não foi detectada nenhuma destas doenças, deram-lhe dois fortes calmantes e internaram-no para lhe colocar um conta-gotas, que não sabemos de quê nem para quê. A experiente enfermeira não conseguiu encontrar-lhe a veia após oito tentativas. Repito oito. Finalmente chegou outra que o conseguiu logo à segunda. Ali ficou o pequeno

Adilson com seu pai que já levava três noites sem dormir.

Regressei a Casa pensando em como seriam as noites na urgência do Hospital de Malanje. Aonde em todas as camas há meninos de todas as idades, seguramente com todas as doenças e sem solução em quase todos os casos. Começa o ano novo, mas sem rastos de Ti. O mais importante é que se perguntarem por mim, encontram-me onde tenho de estar e nunca deixo de fazer o que está em minhas mãos. Em muitos casos, quando alguém sofre de doença grave, saber que se tem alguém a seu lado é tudo o que resta. Oxalá que este ano não nos esqueçamos que, estejamos onde estivermos, há pessoas que de nós necessitam, ao nosso lado que, em muitos casos, é toda a medicina que resta — quando não há cura.

Eu não quero parar de esperar o bem que pode vir, mas não posso esquecer o quanto o mal é longo. Bem-vindo 2010, ninguém sabe o que nos trará — para nós, uma criança doente nos braços de seu pai que, provavelmente, não irá recuperar.

Começámos a receber as primeiras crianças deste ano. Há mais de vinte à espera de entrar, mas apenas nove podem. □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Venho deste modo actualizar a minha assinatura do estimado GAIATO, que é um bálsamo para o coração de quem o lê de fio a pavio. Peço desculpa por não poder mandar mais, mas estou desempregada e o meu marido é vendedor, como tal, o ordenado, para além de pequeno, é também incerto.

Assinante 8843»

«(...) No meu jeito simples de ser e estar, aceitem, por favor, a minha modesta contribuição para as despesas com a manutenção da vossa inestimável Obra, a qual só Deus

pode compensar amplamente. É o meu modo de manifestar a imensa gratidão pelo vosso trabalho desenvolvido. Obrigada. Peço a Deus as graças necessárias para a continuidade da vossa missão no mundo.

Assinante 61413»

«Feliz e agradecida a Deus por me dar vida e saúde, apesar da minha avançada idade, para poder, mais uma vez, endereçar-lhes estas curtas linhas. Pode ser uma frase feita, para mim, mas O GAIATO continua a ser o único jornal que consigo ler e em quem acredito.

Peço a Deus que lhes dê muita coragem e saúde, para que a vossa Obra continue, apesar deste desagradável ambiente que nos cerca.

Assinante 28725»

«Renovo a minha admiração pela vossa Obra — ler O GAIATO, todas as quinzenas; rejubilar com as maravilhas que conseguem; pedir a Deus todas as forças e bênçãos para todos vós — Padres, Gaiatos e Senhoras. Muito obrigado por me proporcionarem com-participar...

Assinante 12623»

DOUTRINA

Pai Américo

Viram uma coisa nova

— o Evangelho em sangue



QUIS o Secretariado da Propaganda Nacional fazer um documentário da nossa Aldeia em Paço de Sousa. Quis e fez. O documentário apresentou-se em Lisboa, no Éden, em primeira mão. Foi ali a sua estreia. Esteve quinze dias na tela. Dizem que mais de 25.000 almas o viram. Se assim foi, podemos dizer que meia Lisboa o conhece, porquanto ninguém deve ter sabido guardar segredo, depois de ter visto o que viu. Muitos devem ter chorado de alegria, pelas cartas que me chegavam à mão, enquanto a fita ali esteve. Mas nem todos acreditaram. Houve quem duvidasse se aquilo era realidade ou ficção. Vinha-se a Paço de Sousa tirar a prova real. Trezentos quilómetros cheios de ansiedade: — «Será?... Não Será?...» Corria-se a passos de gigante, que o coração não suporta distâncias! Outros, por menos afortunados, ficavam em Lisboa com a dúvida no peito: — «Será verdade?, ou é fita?» E em uma bancada, sei eu de um grupo que cortou a direita, assentando ser aquilo rapazes alugados e casas de papelão, mas que tudo estava muito lindo e muito bem feito.

TIREMOS daqui duas lições. A primeira seja do juízo que o mundo faz das coisas que não entende e de como é doce afirmar. Não se acredita hoje na verdade dolorosa. Tudo quanto seja amargo e difícil e heróico; tudo quanto seja gastar energias por uma causa justa e humana não pode ser verdadeiro. «São rapazes alugados e casas de papelão.» Quiseram estes senhores sair do teatro naquela noite com a imaginação ocupada e o coração vazio. Não se acredita hoje na verdade dolorosa. Esta seja a primeira lição. Que nenhum dos meus ouvintes a tome por sua — nenhum. A segunda há-de ir buscar-se à força da rotina. A rotina nos métodos de educação em instituições congêneres de rapazes. Tanta força ela tem, que arrastou senhores de Lisboa a Paço de Sousa com o firme e único propósito de ver a Obra em carne e osso. Os nossos pequeninos cicerones, ocupados em mostrar a nossa Aldeia a estes visitantes, perguntados quem eles eram, respondiam com infinita graça: — «São uns senhores de Lisboa a ver se nós somos iguais à fita». Foi por estas indicações pitorescas que eu cheguei a compreender visitas de tão longa distância e subido interesse. Era um tira-teimas.

FALANDO de novo em rotina, vem de muitos anos a maneira de assistir e conduzir esta sorte de crianças. É doutrina assente na pedagogia, que não na própria natureza humana, por isso mesmo é errada. É errada, mas vingada. Tem raízes prestadas por homens honestos e zelosos e bem intencionados. Não se põe o problema de fazer melhor, tão pouco se reconhece essa necessidade. Chama-se ao rapaz internado. É um internado. A Casa tem um regulamento e tudo acabou aqui. É esta a doutrina corrente. Ora os senhores viram outra na tela do Éden e vieram por aí fora buscar a confirmação. Das impressões que colheram, não posso dizer nada. Não falei com nenhum deles. Mas, se de tão longe vieram movidos por recta intenção, é certo que algo de novo encontraram. Quando o coração está limpo, os olhos vêem claro. Sim. Uma palavra nova. Uma coisa nova. O Evangelho em sangue. Nem pautas, nem verbos, nem estatutos, nem regulamentos. Eles não viram nada disto no documentário, tão pouco no documentado. As nossas Casas não são sepulcros, nem os nossos rapazes andam amortalhados. Cristo ressuscitou dos mortos e deixou a mortalha no túmulo. Sim. Viram uma coisa nova.

AQUI há tempos e ao cair da tarde, apareceu em Paço de Sousa um monge beneditino, belga de nascimento. Visitador oficial de abadias beneditinas em todo o mundo e muitíssimo interessado em conhecer obras sociais da Igreja, Quis ver esta Obra antes de sair de Portugal. Percorreu todas as dependências da nossa Aldeia. Desceu ao mais insignificante pormenor. À saída, declarou-me que por amor da sua idade e conhecimentos adquiridos, não pensava nunca encontrar algures alguma coisa nova. «Pois enganei-me», disse ele. «Vi hoje em Portugal uma coisa nova.» Sim. Viu o Evangelho em sangue.

Do livro Doutrina, 1.º vol.

BENGUELA

Padre Manuel António

O amor é paciente

É a mesma corrida, todos os anos. Os filhos crescem, chegam à idade da sua autonomia e o emprego é condição necessária. São uma dezena, neste momento. Não sei bem para onde me virar. Bati à porta de três empresas, hoje mesmo. O acolhimento foi muito familiar. Trouxe comigo a promessa do emprego para os mais necessitados. É uma forma de ajudar a nossa Casa do Gaiato. O dinheiro não resolve este problema. Quem nos dera abrir a porta para a saída dos rapazes com a segurança do futuro! É o sinal mais visível da missão cumprida, ao longo dos anos do seu crescimento. Vamos continuar.

Ao mesmo tempo, vejo no horizonte, bem perto, os passos de muitos pequenos, na direcção da nossa Casa. São crianças que não conheceram o carinho dum pai e a ternura da mãe. Quem me

dera encontrassem uma família natural, autêntica fogueira de amor, capaz de curar as rupturas afectivas que já entraram na sua história tão pequenina! Mas não aparece! A Casa do Gaiato tem a porta do seu ventre, bem aberta, para gerar na dor e na alegria estes novos filhos. Com muita esperança que, doutro modo, não é possível. É verdade. Muitos pais demitem-se dos seus deveres para com os filhos, porque têm medo de sofrer. Não há verdadeiro amor sem dor. Quem muito ama sofre muito também. Temos o exemplo único do Senhor Jesus. O Homem das dores, porque o Homem do Amor. O pai e a mãe são destinados, por missão intrínseca, a ajudar os seus filhos a descobrir e a pôr nas suas vidas, no dia a dia, a riqueza insondável guardada nos seus corações. É a missão do educador. Quem não

ama, de verdade, desanima. Por isso, o amor é paciente. Adivinha. Descobre os caminhos aparentemente impossíveis que levam ao coração.

Pais e mães batem-nos constantemente à porta. Não têm hora certa. Quanta paciência é necessária! Que procuram? O dinheiro para pagarem a matrícula dos seus filhos nas escolas. São pais, mães e filhos que também fazem parte da nossa vida. Não estudaram, quando eram crianças. São anal-fabetos, na sua maioria. Não querem a mesma sorte para os seus filhos. São pobres. Muito pobres. Extremamente pobres. A riqueza da escola para os seus filhos vem do vosso coração. Acreditem! A nossa Casa do Gaiato agarra as vossas mãos estendidas, cheias de amor e dá o que nos dais. Estes filhos que, doutro modo, seriam pesos mortos no meio dum povo, transformam-se em homens e mulheres do futuro, com a marca da dignidade humana. Oxalá não tiremos os nossos olhos, nunca, deste horizonte. Seremos mais na medida em que ajudarmos os outros a ser mais! □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Preocupações

AH!, Senhor, para mim prepara a mesa e o meu cálice transborda. É dos Salmos.

As nossas aflições são crónicas. Fazem parte da oração de cada hora. Ou são problemas de rapazes que levam anos a deslindar; ou problemas da família que obrigatoriamente aparece após a ida a casa pelo ano novo, e têm de os levar, contrariados, porque queriam um colégio gratuito para o filho ou sobrinho. Fica assim comprometida a obra começada. Mas as crianças têm os seus direitos e a família, mesmo que colateral, tem de responsabilizar-se. Casos até para levar à Polícia, mas não chegamos a fazê-lo. Temos tantos outros. Vivemos pressionados e cada pedido tem de ser bem estudado, para não cairmos no engano. A verdade está sempre escondida. Só Deus é a Verdade e não se esconde, desde que o procuremos na sinceridade do nosso coração.

São as preocupações de fechar contas de projectos e a apresentação das metas atingidas, o que não é simples, porque envolve todos os sectores de obras, agro-pecuária nas Aldeias, Creches, Berçários, Postos de Saúde materno infantil, as micro-empresas. Os apoios são diversos. Eu nem sei tudo. E tudo isto até ao fim do ano. Logo a seguir, a planificação para os próximos dois anos. Da nossa Casa nem contas a Paço de Sousa, como devíamos. Havemos de fazer, como se usa dizer aqui, para aquilo que nunca se faz.

São as aflições dos exames, em plena época de eleições, com professores ausentes, implicados na máquina das mesmas. Começaram as matrículas, a apresentação do currículo escolar da primeira à

décima segunda, sem prever percalços, como dispensas de ponto, que este ano foram inúmeras. O início das aulas abortado e alterado para três dias depois, porque os livros não chegaram, nem professores nomeados. Alguns foram devolvidos ao Ensino Oficial, por critérios de selecção, para bem dos nossos alunos. No fim de contas o ensino só vai mesmo começar uma semana depois. Complicação no ensino e na aprendizagem de modo que ao fim do ano, para evitar calamidades, há que beneficiar com mais três pontos a média final. No transacto foi diferente, mas pior. Não há escolas que cheguem para o segundo grau e para o universitário multiplicam-se as particulares. Um dos nossos concorreu entre dois mil, para cinquenta vagas do nocturno. É quase impossível e na falha entram as empresas de ensino particular, na mira de lucros.

Entretanto todas as nossas colheitas estão em risco, como as do povo que nos cerca. Choveu tão pouco que não deu tempo de semear o que estava previsto. E o pior é que até hoje, quase fim de Janeiro, o calor tem apertado tanto que quase tudo estiolou. A soja e o milho estão a perder-se. Vale-nos um pouco a conduta que aqui passa, mas esta já não chega. Ando às voltas com o arranjo de uma retro, para nós mesmos fazermos a escavação e lançarmos o tubo. São cerca de quatro quilómetros e meio. Abastecendo-nos, podemos ceder o nosso direito sobre a água da conduta antiga ao Povo, que não tem o mínimo necessário. A uma Casa como a nossa assusta. Daqui pouco receberemos e o Estado cobra-nos direi-

tos, sobre o dever de assistir às Crianças desamparadas. É com o dinheiro dos Pobres que alivia as suas despesas, por vezes bem disparatadas. Verdadeiramente só contamos com a ajuda de Deus em Quem pomos toda a nossa confiança. O Sr. Bispo esteve conosco toda a manhã de segunda-feira e só depois do almoço se foi. Vinha sozinho. À despedida deixou um «Deus te ajude». Só lhe respondi: «Tudo isto vira capim, se assim não for». □

Património dos Pobres

Continuação da página 1

A pobreza de espírito reina naqueles dois seres humanos. Então, ele tem a audácia de exigir, mas agora, fazia tudo de novo. Gostei. Realizou-me. Sentí-me mais próxima de Deus, amiga do próximo.»

O e-mail que dou à estampa, manifesta ainda desejos mais audazes, condicionados pelos três filhos pequeninos:

«Assim, se puder ajudá-la no Património dos Pobres, dispo-nha!»

Como me alegra e encoraja. Chama pobreza de espírito, à falta de cultura, à porcaria e ao egoísmo de que os beneficiários sofrem e eles verificaram.

Sim, são pobres que precisam muito de serem visitados, amparados e aturados com paciência cristã. Sem desânimo!

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

**Casa do Gaiato de Setúbal
Algarúz
2910-281 Setúbal.** □

A Escola

TERMINOU o primeiro período deste ano lectivo que, aqui no Lar do Porto, decorreu razoavelmente calmo. Não fora sermos ambiciosos neste campo; lidos os resultados dos nossos no âmbito dos gerais constantes das pautas publicadas em cada Escola — até nos poderíamos considerar satisfeitos. Mas não. Há que considerar o aproveitamento de cada um relativamente à sua capacidade; e aí surgem as divergências da generalidade.

Para os que entraram no Secundário, mesmo os que trazem boas notas do 9.º ano, a apreciação da Escola é de uma fraca preparação, sobretudo no que respeita a hábitos de trabalho — o que eles próprios também vão reconhecendo. Aqui a condenação vai para a Escola que ministra a escolaridade obrigatória, pelas ordens que recebe, pelas dificuldades que experimenta um professor exigente que queira coerentemente levar até ao fim a sua exigência do saber e da postura do aluno. A Estatística impera por sobre o real valor adquirido pelo estudante que, muitas vezes, explora a permissividade reinante — e aí temos uma escolaridade de nove anos a produzir gente que não sabe ler nem escrever nem contar, mas conta para números oficiais a apresentar internacionalmente. Uma Escola que deseduca.

Se esta filosofia passa para o Secundário, uma vez tornada obrigatória a escolaridade até ao 12.º, adia-se para então a debilidade constatada agora ao começar o 10.º ano. Que desgraça! Quem viveu nove anos em clima de facilidades, é agora chamado a uma verdadeira conversão.

Depois, é o tempo excessivo de ocupação na Escola, que rouba disponibilidade para o trabalho de casa em função escolar, além de outras actividades formativas. Confesso que me custa exigir a quem saiu de casa às 8 horas da manhã e regressa às 18 (quando não mais tarde...), a presença activa na sala de estudo que, deixada para a noite vai implicar com as horas de sono que são igualmente de respeitar.

Compreendo as dificuldades nascidas de uma sociedade nova em que pai e mãe trabalham e em casa não há quem olhe pelos filhos — o que levará, talvez, a esta retenção na Escola... Mas é realmente um mal, que a justiça pede se não impute quase exclusivamente às gerações mais novas, de cuja impreparação para o futuro, elas próprias, um dia, hão-de pedir contas às gerações agora responsáveis pelo viver social, incapazes de lhe encontrar remédio.

Padre Carlos

REFLECTINDO

Padre Telmo

HOJE é sobre dois rapazes que têm o gosto — direi também necessidade — de usar brincos nas orelhas. Necessidade, porquê? Falta de confiança em si mesmos. Não têm como afirmar-se. Nem na escola — fraco índice de aproveitamento. Nem na sua figura — que são fracos. Nem sua força física. Muito menos pela sua bondade e carinho pelos outros.

Sendo assim — um escape — brincos nas orelhas. Muitas vezes é o caminho do álcool e da droga...

Estes, como muitos outros, ainda não descobriram que, dentro de si, há coisas maravilhosas. Seja: Uma fonte — que pode ser um potencial de amor: amando os outros, não precisam de brincos, todos reconhecem a sua dedicação e disponibilidade — fonte de reconhecimento e respeito amoroso. Daqui nasce a estima por eles próprios — não precisam mais de metais brilhantes.

Nunca devemos perder a confiança em nós próprios. Há tesouros escondidos dentro de nós. Vamos descobri-los.

* * *

Nas minhas andanças pelas montanhas, encontrei, um dia, um grande carvalho. O tronco grosso e rugoso, os ramos vigorosos, a folhagem verde e as bolotas a crescerem... Sentei-me, muitas vezes, à sua sombra.

Foi bolota que germinou, uma haste frágil que foi ficando vigorosa, até se tornar nesta bela árvore, quantos anos teve que suportar e vencer os gelos da noite...

O Rapaz escutou em silêncio. Reprovou por faltas. Ficou desanimado e sem esperança.

Então, falei-lhe na confiança que devia ter em si próprio. Lutar e vencer o obstáculo que o fez cair. Levantar-se e ir em frente. Nunca devemos perder a esperança.

* * *

Apareceu, há dias, o Joãozinho — autêntico farrapinho! Já nem o conhecia. Saiu de Casa, há muito — por seu querer — e levou uma vida sem sentido. Queria as cartas de condução para novas ilusões.

Que não. Ele próprio tinha de mudar a sua mentalidade. Somente ajuda num pequeno emprego. Depois, ele próprio tinha de vencer os gelos do inverno — até ser capaz de vencer.

Foi. Um nosso Rapaz, já antigo, vai procurar dar-lhe ajuda para o emprego. Ele próprio terá de ser e se realizar. □